
A SAUDÁVEL MALUQUICE DE UM MENINO FELIZ*

Maria Teresinha Martins do Nascimento**

O menino maluquinho

Ziraldo.

*Quando esta história aconteceu,
Num tempo que não foi ontem,
Nem hoje, nem tempo algum.*

Alan Garner.

Resumo: *faz-se, neste texto, um estudo sobre o livro O Menino Maluquinho, levando-se em conta o imaginário infantil. O imaginário pressupõe uma viagem feita com a participação do psiquismo dinâmico, que tem por destino o país do infinito. Examina-se, também, a personagem protagonista desta obra como ser em construção.*

Palavras-chave: *Imaginário. O Menino Maluquinho. Ludismo escritural.*

O tempo ficcional é o tempo que pode conter o passado, o presente e o futuro, por isto a ficção encerra em si todos eles. Ziraldo inicia o seu texto infantil da maneira mais tradicional possível: *Era uma vez o menino maluquinho* e assim o faz, provocando um diálogo polêmico entre as narrativas infantis modernas e os contos de fada, uma vez que as histórias maravilhosas se propunham, antes de tudo,

* Recebido em: 07.11.2011.
Aprovado em: 28.11.2011.

** Profa. Dra. Titular de Literatura Brasileira do Departamento de Letras e docente do Mestrado em Letras: Literatura e Crítica Literária, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

a moralizar as crianças, consideradas à época, miniaturas de adultos. Ziraldo, entretanto, ressalva que suas condutas têm correlação com o imaginário infantil que, por sua vez, resguarda o período da infância como algo completamente independente da idade adulta, mas que funciona como fonte de um inesgotável manancial de saudável energia criativa, como confessou Manuel Bandeira em seu *Itinerário de Pasárgada*.

Ziraldo investe em seu jogo lúdico de escritura no diálogo intra e intertextual e, dessa forma, propõe uma solução poética moderna para a literatura infantil. Eles são, modernamente recolocados, mediante a intertextualidade usada por Ziraldo, onde os níveis de forma ao se entrecruzarem às imagens e à linguagem verbal, especialmente a figurada, verifica-se que uma está para a outra como o conteúdo para a forma.

Acentua-se, assim sua intenção de inverter, contestar ou deformar alguns sentidos e objetivos da clássica literatura infantil, tipicamente, dos contos de fadas. Ocorre nas entrelinhas, portanto, uma discussão sobre os valores morais anteriormente impostos às crianças. O movimento inter e intra textual, assim considerado, será o suporte do moderno enunciado.

Em *O menino maluquinho*, o protagonista da narrativa é visualizado, sentido e ouvido como uma personagem a ser entendida: um ser em construção. São colocados sublinearmente em questão os valores e o modo como as crianças devem ser educadas, pois como estão em fase de formação e dependem, em quase todos os sentidos, do ensino e da orientação dos adultos, em especial, dos familiares e professores. Liberdade, respeito, alegria e responsabilidade são indispensáveis à formação infantil.

A literatura é um dos meios propícios a atingir este objetivo, pois é capaz de seduzir adultos, adolescentes e crianças, proporcionando-lhes uma visão artística da vida. A sensibilidade, o efeito mágico da palavra e a nova compreensão do mundo, da existência e da humanidade, apreendidos nas narrativas e ilustrações de Ziraldo, agem no sentido de despertar no leitor o senso crítico com relação aos valores literários, bem como seu sentido humanitário: justiça e perdão. Com este nível de consciência, de solidariedade e de compreensão textual, é possível ler o texto/mundo como queria Paulo Freire, ou seja, escrevendo e interpretando a *palavramundo*.

Pode-se inferir que, literariamente, as narrativas de Ziraldo são elaboradas de modo a realçar o ato de educar, visando a formação integral e plena da criança sem, no entanto, obviamente, sem esquecer o aspecto lúdico, que é parte integrante do universo infantil.

A linguagem usada por Ziraldo para motivar a naturalidade infantil, propicia que o processo de adjetivação passe por uma transição de significante para significado: o termo *maluco*, assim considerado, torna-se um eufemismo, e perde seu significado literal ao ser acrescido do sufixo diminutivo, passando a atuar em sentido eufórico, ou seja, em sentido positivo. O menino *maluquinho* “tinha fogo no rabo” (PINTO, 1995, p. 9).

Isto porque a ilustração, feita também pelo mesmo autor, torna o enunciado equivalente à forma; neste caso, as imagens e a linguagem verbal, lúdica e ironicamente, se equivalem: O menino maluquinho é e não é maluquinho.

Portanto, as ilustraes/imagens artísticas não traduzem simplesmente as metáforas, elas são a essência e o significado de toda criança que por ventura cresça num ambiente adequado ao seu desenvolvimento natural.

Como capista, Ziraldo deixa todos os indícios de que haverá uma isomorfia em nível textual. O menino maluquinho, inusitadamente, usa uma panela para substituir o boné ou o chapéu, conferindo outra função ao objeto culinário, às roupas militares e aos sapatos de adultos. O uso da panela, no lugar que deveria ser do quepe ou do boné, inverte e carnavaliza os valores que imperavam a época da ditadura.

Entretanto, a mão infantil colocada sobre o peito, dubiamente, pode simbolizar amor  pátria, bem como demonstrar a enorme subjetividade existente característica das crianças. Seu sorriso enigmático possui um sentido benigno ou maligno ou, no mínimo, irnico, se for levado em consideração o contexto político ditatorial vivido pelo autor, entre 1964/1984, aproximadamente. Esta imagem reflete a do revolucionário de então, o sonhador de um mundo novo, onde seus moradores tivessem a liberdade de ir e vir, e a possibilidade de ser. Ser plenamente, com todos os direitos e prerrogativas, em um novo mundo tico e livre.

Do mesmo modo, percebe-se, analogicamente, que um processo educacional arbitrário e autoritário não corresponde às necessidades básicas da criança: direito de brincar, de ser feliz, de estudar e de ter livre expressão.

O menino maluquinho, como toda criança, também tinha suas fases:

E chorava escondido/se tinha tristezas/e ficava sozinho/ brincando no quarto/ semanas seguidas/fazendo batalhas/fazendo corridas/desenhando mapas/ de terras perdidas/inventando estrelas.

A complexidade natural do ser humano é capaz, portanto, de gerar alegrias e tristezas que se mesclam em seu dia a dia, como normalmente acontece no reino infantil. “A positividade aparece propriamente como mola fundadora da negatividade: ela condiciona a afirmação do termo negativo ou vice-versa.” Adulto ou infantil, o homem está sujeito  sua natureza.

Inicialmente, poder-se-ia pensar que quando a tristeza do menino maluquinho surgisse seria fugaz, e atuaria em nível disfórico, negativamente. Ao contrário, ele ressurge enérgico, criativo e alegre. Obviamente, ao lado de seus direitos, estão seus deveres e suas responsabilidades infantis:

*Um dia, num fim de ano
o menino maluquinho
chegou em cem casa com uma bomba:*

“Mamãe, tou a com uma bomba”

*“Meu neto é um subversivo!”
gritou o avô.*

*“Ele vai matar o gato”!
gritou a avó.*

*“Tira esse negócio daí!”
falou_ de novo_ a babá (PINTO, 1995, p. 32-7).*

A hipérbole está presente no texto, propositadamente, sem pontuação alguma, para reforçar a expressão de sua hiperatividade como marca indelével e explícita de toda criança saudável e feliz:

*Tinha o olho maior do que a barriga
tinha fogo no rabo
tinha vento nos pés
umas pernas enormes
(que davam para abraçar o mundo) (PINTO, 1995, p. 8-11).*

A criatividade atua em sua interação familiar e com seus amigos:

*Numa noite muito escura
Apareceu um fantasma!
Coberto com um lençol
muito branco
assustador
com dois buracos
nos olhos
saltou
fazendo buuuuuuuuuuuuu
sobre os ombros
assustados
do papai e da
mamãe
que voltavam
do cinema (PINTO, 1995, p. 38-44).*

Suas brincadeiras refletem a tradição cultural familiar:

*O susto não foi muito, muito grande,
não.*

*Mas,
com o fantasma
no colo
o papai lhe
perguntou:
“Você não tem
medo do escuro?”
E o menino
respondeu:
“Claro que não!
O fantasma
sou eu!”* (PINTO, 1995, p. 48-51).

O plano de expressão e o de conteúdo reflete-se nas ilustrações e nos balões que contêm palavras soltas, desconexas, demonstrando seu estado eufórico, quando não há alguém com quem ele pudesse conversar. Entretanto, como num monólogo interior favorece sua hiperatividade, porque a sintaxe não se faz presente, o que o beneficia, tornando expressivo seu estado de humor:

*se havia
o silêncio
ele inventava
a conversa
pois havia
sempre
um tempo
para escutar
o que
menino
gostava
de conversar;
[]
Tinha macaquinhos no sótão
(embora nem soubesse o que
significasse macaquinhos no sótão)
[] Ele era um menino impossível!* (PINTO, 1995, p. 12,13, 45).

A pré-adolescência aciona apelos energéticos e emocionais. A fantasia faz parte de seu reinado amoroso, demonstrando sua natural sedução:

O menino maluquinho

*tinha
dez namoradas*

*E elas riam muito, muito
de suas graças
riam tanto
que nem tinham tempo
de beijar escondido.*

*Quando o namoro acabava
e a nova namorada perguntava
Qual tinha sido o motivo
do namoro terminar
ela já sabia a resposta:
“Esse seu namorado
é muito maluquinho!”*

*Mas todas ficavam muito
apaixonadas.*

*Ele era
um namorado
formidável.*

*Que desenhava
corações
nos troncos
das árvores*

*Que
desenhava
flores no caderno de desenho
e levava laranjas
e levava maçãs
e pagava sorvetes
e roubava beijinhos*

*“Gosto muito de você
Acho que estou apaixonado
Mas acho que este versinho
Está de pé que quebrado”*

*e fazia versinhos
e fazia canções (PINTO, 1995, p. 53-61).*

Seu caráter independente levava-o a praticar travessuras, seu apelido após as férias era MÚMIA, tantos eram os curativos em seu corpo devido aos vários tombos que levava.

Entre as travessuras e períodos de estudos seu humor variava; havia tempos de dores e lágrimas. Seus hormônios se desorganizavam e o Menino Maluquinho atravessava períodos tediosos e se enclausurava, demonstrando que na pré-adolescência como na adolescência propriamente dita, a criança também quer ficar só:

*E chorava escondido
se tinha tristezas*

*e ficava sozinho
brincando no quarto
semanas seguidas
(não petu@be) (PINTO, 1995, p. 64-5).*

Nesta fase, ensimesmado, exercitava seu lado lúdico, jogando batalhas, corridas, desenhando mapas de terras inexistentes, e inventando

*estrelas e foguetes espaciais e era montado / num foguete destes/ que ele saia
do quarto/ a voar outra vez/ pela sala/ pelas grades da varanda/ pelas cercas
do quintal./ E todo mundo / ficava alegre de novo/ ao ver de volta/ a
alegria da rua!
VIVA! (PINTO, 1995, p. 64-70).*

De volta ao convívio de seus familiares e de sua turma de amigos, ele compartilhava seus segredos

*Tinha uns dez
que ele guardava
só pra contar
pro papai.
E mais uns dez escolhidos
pra dividir com a mamãe
Os outros eram só dele (PINTO, 1995, p. 74-6).*

O tempo de sua infância era elástico, tinha tempo para tudo e ainda sobrava-lhe tempo para sonhar. Tão somente as adversidades existenciais e familiares tornaram

suas horas cronológicas. Com o divórcio de seus pais, ele se obrigou a agir objetivamente, ainda que continuasse um pouco lúdico seu poder de invenção:

*E o menino maluquinho
era um menino tão querido
era um menino tão amado
que quando de acontecer
de o papai ir para um lado
e a mamãe ir pro outro
ele achou de inventar
(pois tinha aprendido a criar)
a Teoria dos Lados!*

*“Todo lado tem seu lado
Eu sou o meu próprio lado
E posso viver ao lado
Do seu lado, que era meu”* (PINTO, 1995, p. 84-5).

Com sua maturidade, concretizou-se seu crescimento. Ele se tornou uma pessoa adulta, podendo recorrer a seu período infantil para amenizar suas dificuldades emocionais de homem. Então ele percebeu que:

*Não tinha sido
um
menino
maluquinho
ele tinha sido era um menino feliz!
Aliás,
virou o cara mais legal
do mundo! Mas um cara legal mesmo!*

O leitor sai deste texto criativo e amoroso que é *O menino maluquinho* com o mesmo prazer que se tem quando criança ao comemorar a vitória num “jogo de bolinha de gude” ou quando se chega ao céu no final do “jogo da amarelinha”. O lúdico e a sensação de ter conhecimento, de saber, com certeza, o valor de cada signo textual, bem como aqueles emitidos pelas crianças, conferem-lhe o poder de transformar sua capacidade de formação infantil, e à criança é devolvida a resposta que a bruxa (madrasta de Branca de Neve) faz ao espelho:

– “Espelho, espelho meu, há alguém neste mundo mais bonita do que eu?”

Sim, há uma narrativa onde a criança se identifica com seus personagens e se espelha em suas características, e estas não são as mesmas exigidas do menino ‘miniatura de adulto’. A literatura infantil moderna tem, quase sempre, o reconhecimento de seus reais valores. Adultos, pais, professores e familiares, insistimos, sabem da importância de respeitar suas crianças, e do exato momento de impor-lhe limites, pois direitos e deveres caminham lado a lado neste processo de formação humanitária e libertadora da criança.

THE HEALTHY CRAZINESS OF A HAPPY BOY

Abstract: *it is in this text, a study of the book, The Nutty Boy, taking into account the imaginary child. The imaginary requires a trip to the dynamic participation of the psyche, which is destined for the unbounded country. We examine also the main character of this book as a transformation being.*

Keywords: *Imaginary. The Nutty Boy. Playful Scripture.*

Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: M. Fontes, 1996.

_____. *O Ar e os Sonhos*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: M. Fontes, 2001.

PINTO, Ziraldo Alves. *O Menino Maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

SONTAG, S. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.